

AS VERTENTES CONSTITUTIVAS DA NOVA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ECCE HOMO FICTUS ATRAVÉS DAS OBRAS O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO E AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (ROMANCE) DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Rafael Sidney Gomes dos Santos¹
Herasmo Braga de Oliveira Brito²

167

RESUMO

O presente trabalho objetiva o estudo referente ao surgimento de uma nova tendência na literatura portuguesa denominada de *Ecce Homo Fictus* (Eis o homem ficção), que apresenta como principal característica o processo de ficcionalização de figuras históricas de escritores conhecidos que passam a ser personagens de dadas narrativas. Tendo isso em vista, nosso objetivo é analisar como ela desenvolve os seus aspectos sob o âmbito da narrativa memorialista diante dos elementos ficcionais e não ficcionais nas obras *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) por José Saramago e *Autobiografia: Romance* (2021) por José Luís Peixoto. Os teóricos a nos subsidiar nesta empreitada foram: Aristóteles; Erich Auerbach; João Adolfo Hansen; Harold Bloom; Herasmo Braga. Portanto, ao fim concluímos que o *Ecce Homo Fictus* se afirma, assim, como uma forma de explorar novas possibilidades criativas, ao mesmo tempo em que presta homenagem aos escritores e contextos históricos que moldam a literatura.

Palavras-chave: *Ecce Homo Fictus*. Nova tendência. Ficção. Não Ficção. Literatura.

THE CONSTITUENT ASPECTS OF THE NEW TREND IN CONTEMPORARY PORTUGUESE LANGUAGE LITERATURE: ECCE HOMO FICTUS THROUGH THE WORKS O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS BY JOSÉ SARAMAGO AND AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (NOVEL) BY JOSÉ LUÍS PEIXOTO

ABSTRACT:

The present work aims to study the emergence of a new trend in Portuguese literature called *Ecce Homo Fictus* (Here is the fiction man), which presents as its main characteristic the process of fictionalizing historical figures from well-known writers who become characters of given narratives. With this in mind, our objective is to analyze how it develops its aspects within the scope of the memoirist narrative in the face of fictional and non-fictional elements in the works *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) by José Saramago and *Autobiografia: Romance* (2021) by José Luís Peixoto. The theorists supporting us in this endeavor were: Aristotle; Erich Auerbach; João Adolfo Hansen; Harold Bloom; Herasmo Braga. Therefore, in the end we conclude that *Ecce Homo Fictus* asserts itself as a way of exploring new creative possibilities, while at the same time paying homage to the writers and historical contexts that shape literature.

Keywords: *Ecce Homo Fictus*. New trend. Fiction. Non-Fiction. Literature.

¹ Graduando em letras-portugues na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: rafaelsidney26@gmail.com.

² Doutor orientador de pesquisa do projeto de pesquisa no contexto do programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: herasmobraga@ccm.uespi.br.

AS VERTENTES CONSTITUTIVAS DA NOVA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ECCE HOMO FICTUS ATRAVÉS DAS OBRAS O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO E AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (ROMANCE) DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

LOS HILOS CONSTITUTIVOS DE LA NUEVA TENDENCIA DE LA LITERATURA EN LENGUA PORTUGUESA CONTEMPORANEA: ECCE HOMO FICTUS A TRAVÉS DE LAS OBRAS O AÑO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO Y AUTOBIOGRAFÍA DE SARAMAGO (NOVELA) DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo estudiar el surgimiento de una nueva tendencia en la literatura portuguesa denominada Ecce Homo Fictus (Aquí está el hombre de ficción), que presenta como principal característica el proceso de ficcionalización de personajes históricos de conocidos escritores que se convierten en personajes de narrativas dadas. Teniendo esto en cuenta, nuestro objetivo es analizar cómo desarrolla sus aspectos en el ámbito de la narrativa memoriosa frente a elementos ficticios y no ficticios en las obras O Ano da Morte de Ricardo Reis (1984) de José Saramago y Autobiografía. : Romance (2021) de José Luís Peixoto. Los teóricos que nos apoyaron en este esfuerzo fueron: Aristóteles; Erich Auerbach; João Adolfo Hansen; Harold Bloom; Herasmo Braga. Por lo tanto, al final concluimos que Ecce Homo Fictus se afirma como una forma de explorar nuevas posibilidades creativas, al mismo tiempo que rinde homenaje a los escritores y contextos históricos que dan forma a la literatura.

Palabras-clave: Ecce Homo Fictus. Nueva tendencia. Ficción. No ficción. Literatura.

Introdução

O crítico e ensaísta Braga (2021), em sua produção "Ecce Homo Fictus: nova tendência na literatura brasileira contemporânea", propõe apresentar e implicar uma análise e discussão voltada para a catalogação das características e da estrutura formadora de uma nova tendência surgida atualmente no âmbito da literatura de língua portuguesa. Aspectos relevantes em relação à essa nova vertente, é que ela constitui uma tendência na literatura em que temos em seus enredos a ficcionalização de escritores conhecidos, uma mescla de aspectos biográficos, ensaísticos, de críticas literárias e artísticas, e momentos históricos em meio a narrativas memorialistas.

Para fins de pesquisas, o literato denominou-a de *Ecce Homo Fictus*, que significa “*Eis o Homem Ficção*”. Entretanto, fugindo do pragmatismo, já de modo metafórico e figurativo, o termo faz uma referência intertextual a última obra escrita na carreira filosófica do conhecido filósofo alemão Friedrich Nietzsche, intitulada de *Ecce Homo: como alguém se torna o que se*

é (1888)³.

A justificativa da escolha dessa nomenclatura se dá primeiramente como espécie de "uma paródia com o livro do Nietzsche"(BRAGA, 2020)⁴, em específico devido a peculiar narrativa encontrada no livro, uma vez que esta obra serve como espécie semelhante e equivalente a uma (auto)biografia, bem como uma (auto)avaliação de si mesmo, não apenas ao que concerne os diversos empecilhos vivenciados no decorrer de sua vida quanto filósofo, mas também como sujeito. Destarte, transpondo este termo - de lá para cá - da filosofia para a literatura, Braga (2021) atribuiu uma ressignificação e adicionou, assim, ao vocábulo, o lexo "fictus" (ficção). Por outro lado, isso se motiva justamente pelo fato desta nova tendência na literatura abordar em suas tramas aspectos do percurso biográfico de figuras históricas, isto é, ela se configura mais precisamente pelo processo literário em que um escritor conhecido passa a ser um personagem de uma dada narrativa.

A respeito da principal característica definidora desta vertente, o literato pontua com precisão:

Quanto à tendência *Ecce Homo Fictus*, como a própria expressão indica, “Eis o homem ficção”, apresenta em linhas gerais aspectos semelhantes com as chamadas estruturas de romances em que se ficcionalizam personagens históricos, também os chamados romances ensaísticos, as bioficções, todavia, apresenta particularidades que a singularizam. (BRAGA, 2021 p. 230).

No dizer de Braga (2021), esse processo literário é demarcado justamente por esse mecanismo de ficcionalização de figuras históricas. No entanto, não só a essa característica ele se resume. Essa tendência não pode, nem deve, ser reduzida conceitualmente apenas a um mero processo de ficcionalização onde se entrelaçam aspectos ficcionais e não ficcionais; mas deve ser visto como um conglomerado de aspectos mais densos e mais elaborados. Essa tendência se caracteriza pela fusão de diversos elementos, como aspectos biográficos, reflexões ensaísticas, críticas literárias e artísticas, além de episódios históricos, criando uma narrativa multifacetada. Nesse contexto, as histórias pessoais e os relatos de memória se entrelaçam com análises culturais e reflexões sobre o passado, proporcionando uma visão ampla e profunda sobre a vida do autor e o seu tempo.

³Esta informação foi apresentada ao longo dos minutos 36:50 - 36:55 por Herasmo Braga, no podcast “Regionalismo e Neorregionalismo na literatura Brasileira”, disponível no canal da plataforma YouTube Encontros Literários Moreira Campos. Link: <https://youtu.be/R4IAe5okZ9o?feature=shared>.

⁴ Fragmento extraído da fala de Herasmo Braga na entrevista do podcast antes já mencionado.

AS VERTENTES CONSTITUTIVAS DA NOVA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ECCE HOMO FICTUS ATRAVÉS DAS OBRAS *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS* DE JOSÉ SARAMAGO E *AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (ROMANCE)* DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Nesse sentido, somam-se um conglomerado de características que se estabelecem como fundamentais. Assim, a essa tendência se integram também diversos outros aspectos: biográficos, momentos e contextos históricos, textos ensaísticos, miscelânea diversificada de textos, dentre outros. Suas disposições variam, em quantidade, número, intensidade, mas em suma se estabelecem como fatores limitados; onde apenas as suas organizações é que variam. No geral, este fato de organização e variação depende da estilística do autor que segue esta tendência.

Portanto, partindo dessa linha de pensamento, com esta pesquisa buscaremos analisar esta tendência sob a égide da narrativa memorialista e como ela se desenvolve diante de tantos elementos tidos como ficcionais e não ficcionais. Privilegiamos o gênero romance nesse nosso estudo analítico, em específico as obras *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) de José Saramago e *Autobiografia: Romance* (2019) de José Luís Peixoto. Os teóricos a nos subsidiar nesta empreitada foram: Aristóteles (*A Poética*); Erich Auerbach (Figura: 1939); João Adolfo Hansen (*Alegoria - Construção e interpretação da metáfora*, 2006); Harold Bloom (*A Angústia da Influência: uma Teoria da Poesia*, 1991); Herasmo Braga, (*“Ecce Homo Fictus: nova tendência na literatura brasileira contemporânea”*, 2021).

2. O Ecce Homo Fictus através da obra *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

José Saramago, em *O Ano da morte de Ricardo Reis* (1984) nos apresenta uma elaboração literária complexa e bastante invulgar, onde revela-se uma narrativa em que os heterônimos mais conhecidos do poeta Fernando Pessoa (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e o próprio Ricardo Reis), existem em um plano consonante ao de seu próprio criador, e, são, assim, até certo nível, sujeitos autônomos e independentes.

Ora, de relance é importante frisar que o conceito de heterônimo consiste na elaboração engenhosa de um ou mais personagens inventados por dado autor para assinalar distintas obras literárias, com diferentes ou iguais estilos. Podemos tomar facilmente como exemplos práticos desse processo aqueles três dos mais aclamados heterônimos criados pelo próprio Fernando Pessoa: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, ou mesmo Ricardo Reis. Ademais, como se já não fosse propriamente complexo e singular esse ato de criação, os heterônimos de Pessoa não apenas possuem suas respectivas características e estilos próprios que assinam as suas produções, mas também são devidamente acompanhados de generosas biografias ficcionais, pelas quais os singularizam e os tornam distintos entre si; ao limiar de que nos faz surgir uma

Hum Res, v. 7, n. 11, 2025, ISSN: 2675 - 3901 p. 167 – 179 , jan. a jul de 2025. DOI: citado na página inicial do texto.

insegurança em relação ao caso, bem como nos gera a crença de que eles existem fora do escritor (tal qual acontece na narrativa de Saramago).

Interessante, se nos fizermos atentos a orelha que consta no livro, notamos que Leyla Perrone (2017) escreve, sensivelmente, um breve resumo e comentário geral do romance⁵; que, para fins de uma compreensão mais completa, não deixaremos, é claro, de transcrever parcialmente aqui:

Fernando Pessoa morreu em 1935. Seus alter egos ou heterônimos não morreram todos na mesma data. Alberto Caeiro já havia falecido há vinte anos; Álvaro de Campos e Ricardo Reis continuam vivos em 35, já que seu criador não os havia "matado". A obviedade dessa sobrevivência escapou a todos que choram a morte de Pessoa. A todos, não. José Saramago deu pela coisa e foi ver o que teria acontecido com um dos sobreviventes. (Perrone, 2017)

171

Nesse sentido, Saramago concepção sua narrativa como uma busca em destrinchar justamente o título que se faz presente em sua produção, nos expondo como teria se percorrido os últimos momentos – ou melhor, mais precisamente, o último ano de vida de Ricardo Reis. Desse modo, ele tenta solucionar o desleixo presente na biografia desse heterônimo deixado pelo poeta português. Assim, é a partir desse viés que Saramago empenha-se em tecer uma narrativa ampla, vez ou outra tomando como ponto de ignição fatos históricos, hora ou outra, atrelando aspectos sociais de épocas, aspectos memorialistas, dentre outros recursos e mecanismos literários.

Por outro lado, Perrone (2017) não se esquece de nos assegurar e não nos deixa em curiosidade ao que concerne “às descobertas” de Saramago em relação ao paradeiro de Ricardo Reis durante os últimos dias de sua vida. Ela nos expõe:

Que foi que ele descobriu? Descobriu que, um mês depois da morte de Pessoa, Reis, que estava exilado no Rio de Janeiro, regressou a Lisboa. Viveu ali todo o ano de 1936, ano crucial para a política portuguesa europeia: instalação da ditadura salazarista, prenúncios da Guerra Civil Espanhola, ascensão de Hitler e Mussolini. Adepto de uma filosofia cépica, baseada na renúncia à ação e no aperfeiçoamento interior do indivíduo, Reis percebe então que não é fácil permanecer alheio ao mundo. (Perrone, 2017)

Em termos genéricos, o interessante enredo paira sobre uma narrativa em que o personagem Ricardo Reis se sente frustrado ao receber uma carta inesperada de Álvaro de Campos, que lhe informa sobre a morte recente de Fernando Pessoa (amigo em comum de ambos). É

⁵ A edição da obra utilizada neste trabalho foi a da Companhia de Letras, de 2017, em sua 3ª edição.

AS VERTENTES CONSTITUTIVAS DA NOVA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ECCE HOMO FICTUS ATRAVÉS DAS OBRAS O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO E AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (ROMANCE) DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

principalmente como consequência desta notícia que Reis se sente motivado a tomar a iniciativa de regressar a Lisboa, em Portugal, após viver 16 anos em exílio no Brasil, no Rio de Janeiro. Portanto, em aspectos mais minimalistas, é a partir dessa trama que o enredo se desencadeia para outros acontecimentos.

Nesse sentido, já estamos parcialmente cientes do enredo. Buscaremos agora averiguar as particularidades do *Ecce Homo Fictus* que José Saramago escreve em sua obra que se atrelam ao aspecto memorialista diante dos elementos ficcionais e não ficcionais. De relance, o que se torna bastante evidente é o contexto histórico como plano de fundo. O autor toma como guia eventos reais acontecidos no ano de 1936: ano bastante movimentado no contexto da política portuguesa e europeia: a instalação da ditadura salazarista, prenúncios da Guerra Civil Espanhola, e ascensão de Hitler e Mussolini.

Com seu significativo repertório, quando por outro lado se ocupa do engenhoso empenho de reconstrução da época através do processo de metaficção histórica, ou principalmente ao atentar-se às pequenas minúcias que regem a construção do personagem Ricardo Reis, José Saramago nos demonstra ser um grande bacharel de ideias. Portanto, observemos a seguir atentamente a interessante descrição do personagem Ricardo Reis feita por José Saramago em dada passagem da obra (pág. 17):

[...] nome Ricardo Reis, idade quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede, viajou pelo Highland Brigade, parece o princípio duma confissão, duma autobiografia íntima, tudo o que é oculto se contém nesta linha manuscrita, agora o problema é descobrir o resto, apenas. (Saramago, 1984 p. 17)

No geral, esses fatos e características coincidem e confluem com a biografia-ficcional do heterônimo Ricardo Reis devidamente concebida pelo nosso importante gênio da literatura portuguesa, Fernando Pessoa; em que Ricardo Reis era um Doutor e poeta, escritor de odes, que tendo nascido em Lisboa, deixou Portugal devido a instalação da república, e foi assim morar no Rio de Janeiro — e só depois de se percorrer considerável tempo, regressa após 16 anos.

Tendo isso em vista, a priori, o texto de Saramago inicia-se de modo comum e vulgar, demonstrando o transcorrer das ações pragmáticas durante o retorno de Ricardo Reis a Portugal, através do navio Highland Brigade. Depois, no texto, o personagem passa a revisitar toda a Lisboa, se sentindo, até certo ponto, deslocado ao averiguar as abruptas mudanças decorridas

da ação do tempo. Logo ao regressar, Ricardo Reis então se hospeda em um hotel, denominado de Bragança. Percorrido alguns eventos, vai aos jornais, e acaba por ler algumas notícias ao quais tomam pauta em relação à morte de Fernando Pessoa. Observemos atentos a notícia que consta em um dos jornais (pág. 31):

Causou dolorosa impressão nos círculos intelectuais a morte inesperada de Fernando Pessoa, o poeta do Orfeu, espírito admirável que cultivou não só a poesia em moldes originais, mas também a crítica inteligente, morreu anteontem em silêncio, como sempre viveu, mas como as letras em Portugal não sustentam ninguém, Fernando Pessoa empregou-se num escritório comercial, e, linhas adiante, junto do jazigo deixaram os seus amigos flores de saudades. (Saramago, 1984, p. 31)

Ricardo Reis lê em outro jornal (pag. 32):

Fernando Pessoa, o poeta extraordinário da Mensagem, poema de exaltação nacionalista, dos mais belos que se tem escrito, foi ontem a enterrar, surpreendeu-o num leito crítico do Hospital de S. Luís, no sábado à noite, na poesia não era só ele, era também Álvaro de Campos, e Alberto Caeiro, e Ricardo Reis. (Saramago, 1984, p. 32)

Depois, por fim, lê ainda em um último (Pág. 32):

Realizou-se ontem o funeral do senhor doutor Fernando António Nogueira Pessoa, solteiro, de quarenta e sete anos de idade, quarenta e sete, notem bem, natural de Lisboa, formado em Letras pela Universidade de Inglaterra, escritor e poeta muito conhecido no meio literário, sobre o ataúde foram depositos ramos de flores naturais, o pior é delas, coitadas, mais depressa murcham. (Saramago, 1984, p.32)

Devemos nos atentar com maior cuidado à notícia presente neste último jornal. Em um olhar de relance, evidencia-se um aspecto significativo, uma vez que se observa que o personagem Fernando Pessoa faleceu, na narrativa de Saramago, aos quarenta e sete anos de idade, em 1935. Fato este que converge com a realidade biográfica da figura histórica de Pessoa. O autor aproveita das fragilidades existentes entre a ficção e a não ficção. Nota-se, uma linha de divisão muito tênue e suave presente entre os aspectos ficcionais e não ficcionais, ambos se confundem, aproximam-se, entrelaçam-se.

Nesse sentido, com o intuito de visitar o túmulo de Pessoa, Reis decide ir ao cemitério ao qual seu amigo fora enterrado. Assim o faz. No entanto, o enredo do romance intensifica-se quando em certo ponto a narrativa toma, por assim dizer, um novo rumo e direcionam-se ao surgimento de um radical conflito, uma vez que, ao voltar para o seu quarto, no hotel Bragança,

AS VERTENTES CONSTITUTIVAS DA NOVA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ECCE HOMO FICTUS ATRAVÉS DAS OBRAS O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO E AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (ROMANCE) DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Fernando Pessoa, ou melhor, se não é irônico dizer, o fantasma de Fernando Pessoa se encontra sentado à uma cadeira à sua espera. Atentemo-nos a descrição da cena:

Sentado no sofá estava um homem, reconheceu-o imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar ali à sua espera Fernando Pessoa, disse Olá, embora duvidasse de que ele lhe responderia, nem sempre o absurdo respeita a lógica, mas o caso é que respondeu, disse Viva, e estendeu-lhe a mão, depois abraçaram-se, Então como tem passado, um deles fez a pergunta, ou ambos, não importa averiguar, considerando a insignificância da frase. Ricardo Reis despiu a gabardina, pousou o chapéu, arrumou cuidadosamente a guarda-chuva no lavatório, se ainda pingasse lá estaria o oleado do chão, mesmo assim certificou-se primeiro, apalpou a seda húmida, já não escorre, durante todo o caminho de regresso não chovera. (Saramago, 1984, p. 64)

174

O fantasma de Fernando Pessoa passa a visitar, vez ou outra, o personagem Ricardo Reis, o que rende uma série de diálogos extremamente profundos e filosóficos. Essa passagem do romance pode ocasionar um certo nível de estranhamento ao leitor. No entanto, deve-se considerar a narrativa como sendo íntegra, pouco interessa, aqui, se a narrativa foge ou extrapola a realidade. Não nos cabe fazer, neste caso, uma análise literal, mas sim literária figurativa.

A temática nos faz recordar a obra *Figura* (1939), de Erich Auerbach. Onde o crítico se ocupa em discorrer os métodos adequados para se analisar adequadamente uma obra literária. Nada relega o fato de que cada obra parece aceitar mais adequadamente um modo de análise; no caso dessa obra de Saramago, nos cabe melhor uma análise alegórica. Por mencionar isso, essa temática ainda parece se comunicar com *Alegoria* (2026), de Adolfo Hansen, outro importante texto que aborda a significação do uso da alegoria dentro das mais distintas artes. É interessante tomarmos o fio de conceito acerca do que se configura a alegoria, como sendo uma ornamentação estética da forma; porém não se exime a aspectos de performar a estrutura, mas sim de gerar um sentido de maior elevação.

Dado o exposto, podemos, portanto, tomar essas passagens do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* como exemplificadoras dos aspectos ficcionais e não ficcionais atreladas ao *Ecce Homo Fictus*.

3. O *Ecce Homo Fictus* através da obra *Autobiografia: Romance*

É interessante observarmos que o que ocorre em *Autobiografia: Romance*, de José Luís Peixoto, é algo bastante próximo à narrativa de Saramago. De relance, Peixoto não nos deixa em curiosidade, e já de início, nos expõe o teor que irá acompanhar toda a integridade do texto. Interessante observarmos que se trata de uma produção literária esta que se constitui como pluralmente singular e bastante expressiva, onde, no seu enredo, a figura histórica do importante escritor ganhador do prêmio Nobel de literatura de língua portuguesa, José Saramago, é transformado de modo interessante e bastante curioso, em um personagem de uma narrativa literária do gênero romance.

Podemos evidenciar com facilidade durante todo o texto que as características do *Ecce Homo Fictus* se fazem presentes na obra *Autobiografia: Romance*. Na trama, um jovem autor é convidado a escrever a biografia deste mestre da literatura portuguesa. Peixoto reconstrói com riquezas de detalhes a imagem de José Saramago, fazendo constantes menções a eventos reais, circunstâncias ocorridas, singularidades distintas, ao mesmo tempo em que molda acontecimentos ficcionais cheios de criatividade e peculiaridades.

Em uma entrevista, concedida de modo gentil⁶, o escritor português José Luís Peixoto, nos expôs, avidamente, sobre como se deu o processo complexo de escrita de sua obra *Autobiografia: Romance*. O principal intuito da entrevista realizada, se circundou justamente no entorno dos processos criativos da obra, uma vez que o acesso a tais preciosas informações expressa grande importância e que muito tem a acrescentar, positiva e significativamente, para o desenvolvimento de nossos estudos ao que concerne o *Ecce Homo Fictus* como uma nova tendência na literatura contemporânea de língua portuguesa, e os seus aspectos ficcionais e não ficcionais. Compreender o processo de criação de tais obras, sobretudo, nos possibilita entender diretamente melhor os seus interessantes processos literários e como esses se relacionam e se organizam de modo a gerar uma completude. Dado o exposto, a seguir, buscaremos percorrer as discussões geradas mediante a entrevista que nos foi concedida, como podemos ver no ANEXO I.

É evidente que ao olharmos para a entrevista, devemos ter enfoque na terceira pergunta realizada, e na resposta da pergunta feita. Notamos que José Luís Peixoto leva aspectos não

⁶ Entramos em contato com o autor. Depois o autor nos repassou devidamente o seu e-mail; onde foram realizados os questionamentos acerca da obra.

AS VERTENTES CONSTITUTIVAS DA NOVA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ECCE HOMO FICTUS ATRAVÉS DAS OBRAS O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO E AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (ROMANCE) DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

ficcionais para dentro da narrativa e acrescenta a eles aspectos ficcionais. Concluimos que dentro de *Autobiografia: Romance*, a recorrente referência a acontecimentos históricos reais, que perpassam a vida de Saramago, é oriunda da intimidade entre ambos que se deu na vida real. Além do fato de que o imenso repertório de Peixoto, corroborou uma elaboração mais detalhada e rica no descritivismo que torna a obra uma representação precisa e memorialista. Embora possa vir a parecer um ato de arrogância, não é equívoco de nossa parte dizer que José Luís Peixoto apresenta a eficiente genialidade de elaborar estruturalmente esta narrativa; podemos dizer que em um teor significativo nada aqui se dá por coincidir casualmente. Nesta perspectiva, temos de nos fazer cientes, assim como afirma Braga (2021) de que:

Não devemos tomar isso como qualquer expressão de arrogância ou pedantismo, mas como dada realidade, pois a experiência, o repertório, as vivências ficcionais e teóricas são determinantes para se constituírem tais obras. Não basta apenas pesquisar certos nomes/sujeitos históricos e a partir de então promover uma narrativa envolvendo-os. (Braga, 2021, p. 230)

Nesse sentido, nossa afirmação não implica apenas um dizer de pedantismo, mas implica um dizer de que os escritores apresentam o devido zelo de pesquisar exaustivamente, acontecimentos, aspectos históricos, documentos, para integrarem as suas complexas e singulares narrativas através dos aspectos ficcionais e não ficcionais. É necessário um amplo repertório de informações sobre o autor que é ficcionalizado, pois não basta apenas querer escrever sobre o autor, uma vez que esta tendência exige mais do que uma mera superficialidade. Observemos, assim, o complemento teórico de Braga (2021) ainda a respeito deste fato:

O Ecce Homo Fictus exige muito mais, pois se somam de maneira harmoniosa determinadas composições históricas, ficcionais, sociais, crítica literária, teoria da cultura, de conhecimento de particularidades de épocas, de documentos em torno das pessoas que serão ficcionalizadas, domínio das possíveis receptividades e quais seriam as suas funções que fujam às relações sem sentido, ou mesmo o enredo se forme através de retórica esterilizada de qualquer motivação significativa no âmbito criativo, tudo isso e mais outras coisas que não comprometam a qualidade estética da obra, nem a descaracterize enquanto produção literária, e menos ainda ocorra a perda da sua autonomia artística. (Braga, 2021, p. 231)

Ao tratar-se de uma “literatura induzida”, os escritores retomam aspectos memorialistas no cerne da figura histórica ficcionada, assim, a história real renova-se e se revive, transmutando-

se do real à um arcabouço atritante com a ficção, ou, por muitas vezes, dicotômico; além de que em tais fatos evocam-se o passado, que se faz presente na narrativa.

Outro ponto relevante a ser apontado é a influência que Saramago exerce sobre José Luís Peixoto. Em *A Angústia da Influência*, Harold Bloom (1991) afirma que a criação literária é inevitavelmente moldada pela influência dos escritores que precederam um autor; como bem ocorre com Peixoto, e sua influência por Saramago. É pertinente o fato de que ele mesmo aponta a influência de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* para a escrita de sua outra *Autobiografia: Romance*.

Em suma e no geral, podemos observar que essas e outras características se fazem presentes de modo notório nas obras *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) de José Saramago (1922-2010) e *Autobiografia: Romance* (2019) de José Luís Peixoto.

4. Considerações Finais

Com esse estudo, esperamos ter alcançado uma pesquisa eficiente. Demonstrando alguns dos aspectos ficcionais e não ficcionais nas obras *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) por José Saramago e *Autobiografia: Romance* (2021) por José Luís Peixoto. Os resultados obtidos mediante as investigações realizadas dentro da pesquisa, são de que a principal singularidade desta tendência, é que no *Ecce Homo Fictus* há uma personagem histórica ficcionada, isto é, um escritor conhecido é transformado em um personagem de um romance, passando, assim, a integrar a narrativa romanesca. Em sua integridade, ainda há a presença de uma forma narrativa, onde há ao mesmo tempo, aspectos da realidade da biografia e aspectos biográficos inventados em relação à figura histórica friccionada. Assim os autores desta tendência exploram as fragilidades que se fazem presentes entre a ficção e a realidade. Outra característica, muito relevante, é que no *Ecce Homo Fictus* ocorre uma miscelânea, isto é, uma mescla de gêneros diversos, pragmáticos ou não pragmáticos, como, por exemplo, poemas, prosas, jornais, cartas, etc. Isso ocorre devido a flexibilidade presente no gênero textual romance. Uma terceira característica consiste em que o autor do *Ecce Homo Fictus* carrega um amplo repertório do autor ao qual ficcionaliza em seu romance, pois não basta apenas querer escrever sobre o autor, uma vez que esta tendência exige amplo conhecimento sobre aspectos históricos mais específicas, como documentos, acontecimentos sociais, entre outros, e, também, requer conhecimento sobre fatores acerca da própria figura histórica friccionada e do tempo histórico-real ao qual conviveu. Portanto, o *Ecce Homo Fictus* se afirma, assim, como

AS VERTENTES CONSTITUTIVAS DA NOVA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ECCE HOMO FICTUS ATRAVÉS DAS OBRAS O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO E AUTOBIOGRAFIA DE SARAMAGO (ROMANCE) DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

uma forma de explorar novas possibilidades criativas, ao mesmo tempo em que presta homenagem aos escritores e contextos históricos que moldam a literatura.

Referências:

- AUERBACH, Erich. **Figura**. Trad. de Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990.
- BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. Ecce homo fictus: nova tendência na literatura brasileira contemporânea. In: **Entornos políticos, afetivos e outras cercanias literárias**. Émilie Geneviève Audigier, José Dino Costa Cavalcante, Rafael Campos Quevedo [organizadores]. Teresina: Cancioneiro, 2021.
- BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. Podcast “Regionalismo e Neorregionalismo na literatura Brasileira”, disponível no canal da plataforma YouTube Encontros Literários Moreira Campos. Link: <https://youtu.be/R4IAe5okZ9o?feature=shared>.
- BLOOM, Harold. A angústia da influência: uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PEIXOTO, José Luís. **Autobiografia: Romance**. São Paulo: Companhia de Letras, 2021.
- SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia de letras, 2017. 3º edição.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. . São Paulo: Atual.

ANEXO I: ENTREVISTA COM O ESCRITOR JOSÉ LUÍS PEIXOTO: QUESTIONAMENTOS ACERCA DA OBRA AUTOBIOGRAFIA: ROMANCE

Rafael Sidney: Como se deu o processo de produção da obra Autobiografia: romance? Quais foram os maiores desafios enfrentados nesse processo?

José Luís Peixoto: Há alguns anos, escrevi um conto sobre Inês de Castro e, a partir desse, tive a ideia de escrever um livro constituído por contos sobre figuras diversas da história de Portugal. Cheguei a fazer uma lista das individualidades que gostaria de incluir nesse volume, mas não cheguei a escrever esses contos. A pessoa mais recente que incluí nessa lista foi José

Saramago. Desenvolvendo essa ideia na minha cabeça, me dei conta de que tinha uma relação radicalmente diferente com Saramago, pois era alguém muito próximo, tinha memórias dele. Essa dimensão faria com que fosse muito insuficiente escrever apenas um conto, seria necessário um romance. A partir daí, comecei a imaginar toda a estrutura, conjunto de personagens e situações, etc. Provavelmente, um dos desafios maiores deste processo foi gerir as expectativas. Uma vez que se tratava de uma ficção que incluía o nome e as características de pessoas, resolvi pedir autorização para essa inclusão. Assim, desde o início que Pilar del Rio, a viúva de Saramago, esteve a par de que havia um romance a ser escrito, sem que soubesse mais detalhes. Ao escrevê-lo, esse era um ruído na minha cabeça. Ao mesmo tempo, sabendo que o nome de Saramago despertaria a atenção de muita gente e não imaginando o que essas pessoas poderiam esperar, também me passava pela cabeça. Para além disso, os maiores desafios têm a ver com a estrutura do romance, que é um pouco invulgar.

Rafael Sidney: Quanto tempo foi necessário até o projeto ser concluído?

José Luís Peixoto: O romance demorou um pouco mais de um ano a ser escrito.

Rafael Sidney: Quais foram as influências que levaram a produção dessa obra? Havia o conhecimento de alguma obra ao qual a figura histórica de um escritor passava a ser personagem de um romance?

José Luís Peixoto: Quando já estava a escrever o romance, conheci o trabalho de Laurent Binet e, a partir de certa altura, aquilo que escrevi começou a comunicar com essa leitura, de certo modo. Desde o início, no entanto, tinha presente o trabalho de próprio Saramago em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. A principal referência que me chamou para o uso de personagens reais, ainda assim, foi a minha experiência com a inclusão de Francisco Lázaro no meu romance *Cemitério de Pianos*, em 2006.

Rafael Sidney: Quais foram os materiais consultados para a escrita dessa obra?

José Luís Peixoto: Neste momento, não consigo recordar todas as leituras que fiz no momento mas, para além das já referidas leituras de Laurent Binet, li alguns textos de José Saramago que ainda não tinha lido, nomeadamente os *Cadernos de Lanzarote* e alguns textos dispersos. Voltei a ler *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. E, seguramente, li muito mais. Não costumo parar de ler enquanto estou a escrever, pelo contrário, creio até que leio mais do que habitualmente.